

# APRESENTAÇÃO

REGINALDO SOUZA SANTOS  
FÁBIO GUEDES GOMES

**É** COM MUITA SATISFAÇÃO que a Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia lança o segundo número da *Revista Brasileira de Administração Política (Rebap)*. O momento não poderia ser mais oportuno. O sistema econômico capitalista passa por sua pior crise estrutural, desde a conhecida Grande Depressão dos anos trinta do século passado. Crise que alguns ainda insistem em interpretá-la como um fenômeno meramente financeiro; um problema que surgiu de uma bolha especulativa no mercado imobiliário dos Estados Unidos e que acabou destruindo o *castelo de cartas* da especulação desenfreada promovida pelos mercados mobiliários em âmbito internacional.

Não obstante os importantes fenômenos financeiros, que dão *caldo* suficiente para o sensacionalismo midiático e as análises econômicas superficiais, esta é uma crise muito mais profunda que nos leva a considerar que se trata também de uma crise da *administração política* do capitalismo, de como a gestão das relações sociais, em várias esferas da sociedade contemporânea, estava sendo condicionada em duas direções centrais. Primeiramente, sob a ideologia neoliberal que se pretendia universal e buscava abarcar desde o sentido da vida em sociedade ao funcionamento organizacional-empresarial. Segundo, porque essa ideologia também se combinava perfeitamente com o novo estágio de funcionamento do capitalismo, sob a hegemonia cultural e práticas da *financeirização* da riqueza.

Assim, não é por outra razão que mesmo no turbilhão dos problemas causados pela crise estrutural do capitalismo, é fácil perceber a responsabilidade dos diversos atores representativos da dinâmica que conduziu a ela

própria; desde administradores e executivos de grandes corporações, passando pelo *staff* da administração pública, chegando até à sociedade em geral, onde parcela considerável se encontrava muito confortável, acompanhando sua riqueza reproduzir-se no cassino global, ao passo que a grande maioria, penosamente, não consegue se livrar do fardo que é ver sua condição de vida melhorar muito marginalmente, ou não!

Essa crise, realmente, entoou o *canto do cisne* da gestão das relações sociais contemporâneas sob a hegemonia do capital financeiro. Os desajustamentos causados por mais de trinta anos de exclusão sistemática de parcelas crescentes da população mundial, determinados por um sistema sem limites à acumulação e sem responsabilidades com a distribuição, trouxeram graves problemas em sociedades ricas e pobres.

A internacionalização do capital leva necessariamente à extraordinária concentração de renda, contrapartida da exclusão social, da violência e da banalidade da barbárie. Como Celso Furtado sublinhou, em um de seus últimos trabalhos: “os novos desafios são de caráter social, e não basicamente econômico como ocorreu na fase anterior do desenvolvimento do capitalismo”. E isso é ainda mais premente diante dos desastres causados pela crise contemporânea.

Nesse sentido, cabe à *administração política* como campo do conhecimento a tarefa de subsidiar a discussão sobre um projeto de sociedade, nação ou governo que possibilite minimizar ou remover os problemas e consequências causadas pelo sistema produtor de mercadorias. “A imaginação política terá, assim, que passar ao primeiro plano. Equivocam-se os que imaginam que já não existe espaço para utopia”, assinala sabiamente Furtado. E nessa utopia o papel da *administração política* é central, porque, conforme nosso demiurgo, “ao contrário do que profetizou Marx, a *administração das coisas será mais e mais substituída pelo governo criativo dos homens*”.<sup>1</sup>

Imbuído, portanto, desse objetivo de ampliar a perspectiva analítica da *administração política*, este novo número da Revista publica nove trabalhos que trazem reflexões em três blocos básicos. No primeiro bloco, a preocupação foi continuar com a pesquisa que busca amadurecer a discussão epistemológica sobre a *administração política como campo do conhecimento*. No texto do professor da Fundação Getúlio Vargas (SP), Francis-

---

<sup>1</sup> Celso Furtado. *O capitalismo global*. São Paulo: Paz e Terra, 1998, p. 33

co Fonseca, o objetivo é demonstrar que o tema da *administração* esteve presente nas preocupações de experiências históricas de governos comunistas. Para tanto, o professor se debruça sobre a análise dos casos da Comuna de Paris (1871) e do governo que ascendeu na União Soviética, logo depois da Revolução Russa de 1917. Em seguida, os professores da Universidade Federal da Bahia, Reginaldo Souza Santos, Elisabeth Matos e Thiago Chagas discutem as bases teórico-metodológicas da *administração política*, com intenção central de escapar um pouco da análise da história das ideias e partir para o plano mais abstrato de desenvolvimento de um quadro conceitual-metodológico. Por sua vez, o trabalho do mestrando pelo Núcleo de Pós-Graduação em Administração (NPGA) da UFBA, Rômulo Cristaldo, trata do papel do administrador como categoria profissional que transcende as necessidades de atender aos anseios específicos das organizações. O objetivo é justamente discutir que o administrador tem uma vasta aptidão e responsabilidade pelas quais a sociedade pode muito bem se aproveitar se direcionadas com objetivo de um projeto de mudanças estruturais. E, por último, o professor-titular do Instituto de Economia da Unicamp, Wilson Cano, nos brinda com excelente trabalho que discute as possibilidades de reconstrução do Estado brasileiro com vistas à construção de um projeto de nação.

No segundo bloco, a *Rebap* publica mais três importantes trabalhos. O texto *Administração Política versus Administração Profissional: analisando o campo de conhecimento do ensino superior de administração*, de um grupo de doutorandos pelo NPGA da UFBA, propõe analisar, do ponto de vista institucional, como se relaciona a *administração política* com a administração profissional. Para tanto, seus autores pesquisaram em duas experiências de ensino superior se a relação detectada na legislação vigente pode ser vista na prática da formação dos futuros administradores. No segundo trabalho deste bloco, o professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), e aluno do doutorado do NPGA Wesley Gusmão, e Ivan Thiago, doutorando pelo NPGA da UFBA, interpretam as principais linhas teóricas sobre o comércio internacional à luz da *administração política*. A ideia central é que o movimento cíclico e histórico em torno de políticas livre-cambistas e protecionistas, adotadas por países com relativa capacidade de influência internacional, é dependente da própria lógica da *administração política* do capitalismo que interessa no momento às grandes nações que determinam a dinâmica da economia mundial. Para encer-

rar este bloco, Silvio Wanderlei e João Gualberto discutem, sob o ponto de vista da filosofia, como o campo da *administração política* transcende os objetivos tradicionais e é capaz de responder às pretensões humanas de desenvolvimento e não mero instrumento de adestramento para a dominação de homens sobre outros homens.

Por fim, mais dois trabalhos encerram esta segunda edição na *Rebap*. O professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (Feac) da Universidade Federal de Alagoas, Fábio Guedes Gomes, discute as recentes mudanças políticas e econômicas na América do Sul. Do ponto de vista da *administração política*, é implicitamente defendido no trabalho que essas mudanças refletem um novo estágio de relações inter-regionais e intraestatais, tanto no nível da gestão das relações entre os países as mudanças são substanciais, quanto nas relações internas, entre a sociedade e os governos que conduzem os destinos da região — na fase pós-neoliberal, os avanços são consideráveis. Francisco Teixeira, professor titular da Escola de Administração da UFBA, nos gratifica com uma consistente análise das influências das assimetrias entre os elos de cadeias de suprimento na distribuição dos ganhos da cooperação. Tomando como estudo de caso a cadeia de suprimento da transformação plástica, o autor confirma sua hipótese central de que a distribuição dos ganhos advindos da cooperação é influenciada pelas diferenças no tocante a capacitações, recursos financeiros e porte entre os agentes, e que essas diferenças podem estar vinculadas às estruturas de mercado prevalentes em cada elo da cadeia. Esta conclusão é de suma importância no subsídio às políticas públicas e ações empresariais com vistas ao aumento do nível de competitividade.

Por fim, gostaríamos de reafirmar aos leitores e colaboradores da *Rebap* que os trabalhos contemplados neste número representam a continuidade das discussões originárias contidas no número 1 e, sobretudo, fidelidade à sua concepção editorial que define a *Rebap* como um espaço de discussão que busca compreender a totalidade, englobando os aspectos culturais, simbólicos e ideológicos de uma determinada prática, além de colocar a Administração Política como possibilidade de crítica à gestão das relações sociais para adiante do âmbito empresarial.

Esperamos ser fiéis a esses propósitos!